



BOLETIM

GEOCORRENTE

ANO 5 • Nº 104 • 17 DE OUTUBRO DE 2019

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção "Temas Especiais".

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 350 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GEOCORRENTE poderão ser encontrados na home page da EGN:

https://www.marinha.mil.br/egn/boletim_geocorrente



DIRETOR DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL

EDGAR LUIZ SIQUEIRA BARBOSA

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL

MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

CONSELHO EDITORIAL

EDITOR RESPONSÁVEL

LEONARDO FARIA DE MATTOS (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

FRANCISCO EDUARDO ALVES DE ALMEIDA (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

JANSEN COLI CALIL NASCIMENTO ALMEIDA DE OLIVEIRA (EGN)

JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)

NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)

PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (UFRJ)

PEQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

ÁFRICA SUBSAARIANA

DAVID SEVERO PEREIRA FRANÇA PINTO (UERJ)

FRANCO NAPOLEÃO AGUIAR DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-RIO)

JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)

VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UFRJ)

AMÉRICA DO NORTE E CENTRAL

ANA CLÁUDIA FERREIRA DA SILVA (UFRJ)

CAROLINA CÔRTEZ GÓIS (PUC-RIO)

JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)

VICTOR CABRAL RIBEIRO (UFRJ)

VICTOR EDUARDO KALIL GASPAR FILHO (EGN)

EUROPA

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)

DANIEL SANTOS KOSINSKI (UFRJ)

DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)

GLAYCE KEROLIN RODRIGUES MAXIMIANO (UFRJ)

MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)

MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)

NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)

THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)

ANDRÉ FIGUEIREDO NUNES (ECEME)

SHAKILA DE SOUSA AHMAD (UFRJ)

TAYNARA RODRIGUES CUSTÓDIO (EGN)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)

THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)

VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)

BEATRIZ VICTÓRIA ALBUQUERQUE DA SILVA RAMOS (EGN)

LOUISE MARIE HUREL SILVA DIAS (LONDON SCHOOL OF ECONOMICS)

AMÉRICA DO SUL

ADRIANA ESCOSTEGUY MEDRONHO (EHESS)

BEATRIZ MENDES GARCIA FERREIRA (UFRJ)

CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (UFRJ)

GABRIELA DE ASSUMPTÃO NOGUEIRA (UFRJ)

JOÃO FELIPE DE ALMEIDA FERRAZ (UFRJ)

PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIVERSIDADE DE SANTIAGO)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)

GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)

LAILA NEVES LORENZON (UFRJ)

PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (UFRJ)

RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

ELY PEREIRA DA SILVA JÚNIOR (UERJ)

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)

MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)

PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)

RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)

VINÍCIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)

LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)

PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)

PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

SUL DA ÁSIA

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)

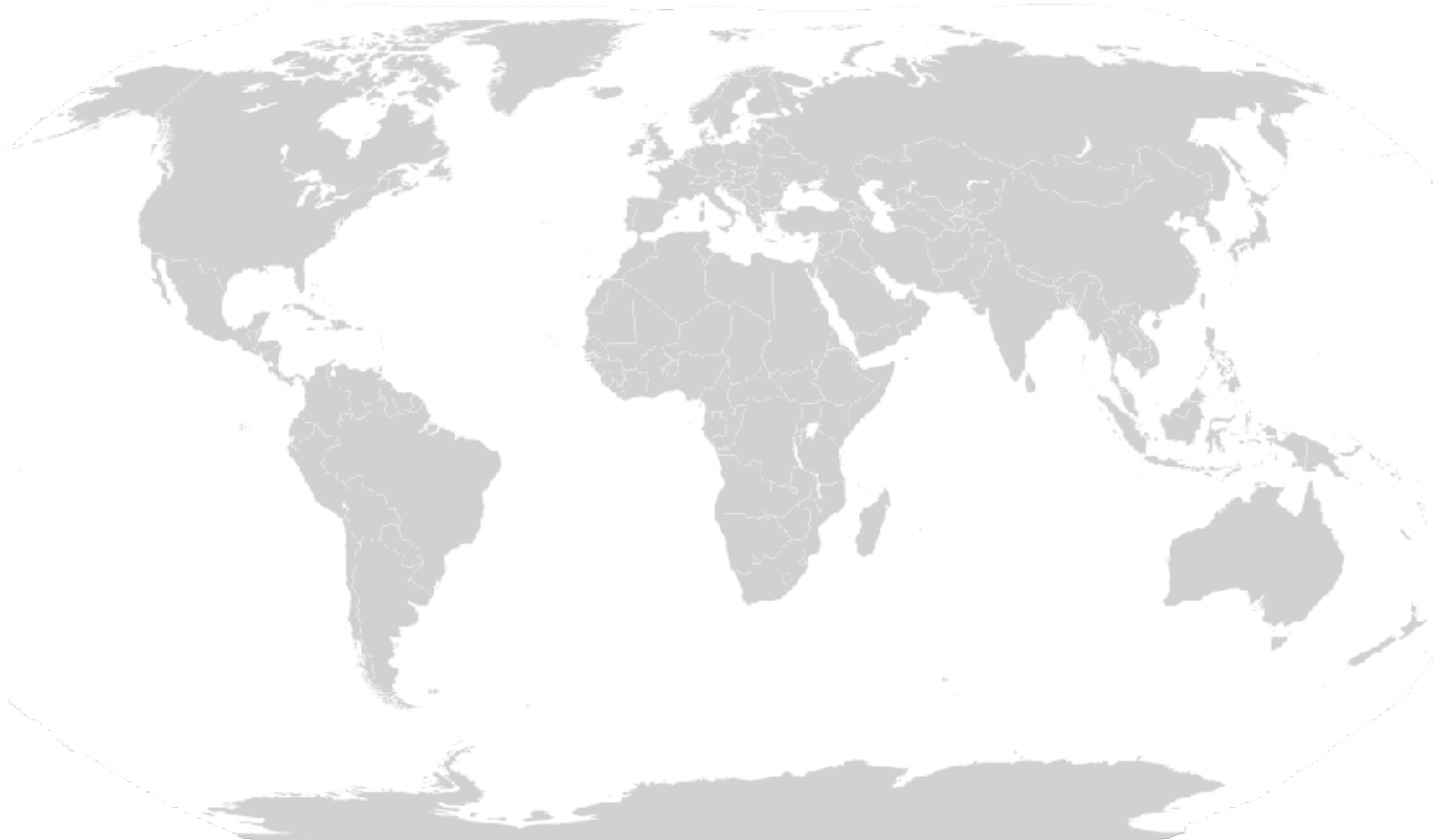
MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)

REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

ÍNDICE

AMÉRICA DO SUL	RÚSSIA & Ex-URSS
A situação da Guiana Francesa no plano estratégico da França.....4	Putin e o sistema de alerta antecipado antimísseis chinês.....9
Crônica de uma crise anunciada.....5	A importância do Almirante Gorshkov para a Marinha russa.....10
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL	LESTE ASIÁTICO
Novas tecnologias anti-VANTs empregadas pelos Estados Unidos.....5	Queda de míssil norte coreano na Zona Econômica Exclusiva japonesa.....10
Intensificação do bloqueio econômico estadunidense a Cuba.....6	
ÁFRICA SUBSAARIANA	SUL DA ÁSIA
Afrofobia e o entrave das relações exteriores sul africanas.....6	Índia e Austrália: parceria estratégica para o Indo-Pacífico.....11
EUROPA	ÁRTICO & ANTÁRTICA
Reino Unido anuncia aumento de gastos em tempos de incerteza.....7	O engajamento estadunidense em uma maior presença no Ártico.....11
	China negocia utilizar porto chileno para chegar à Antártica.....12
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA	
Inimigos regionais: tensões entre Irã e Arábia Saudita.....7	
A coalizão marítima internacional na principal rota Ásia-Europa.....8	
	Artigos Selecionados & Notícias de Defesa.....13
	Calendário Geocorrente.....13
	Referências.....14

REGIÕES ABORDADAS NESTA EDIÇÃO



Clique no círculo para ser redirecionado ao texto relacionado

A situação da Guiana Francesa no plano estratégico da França

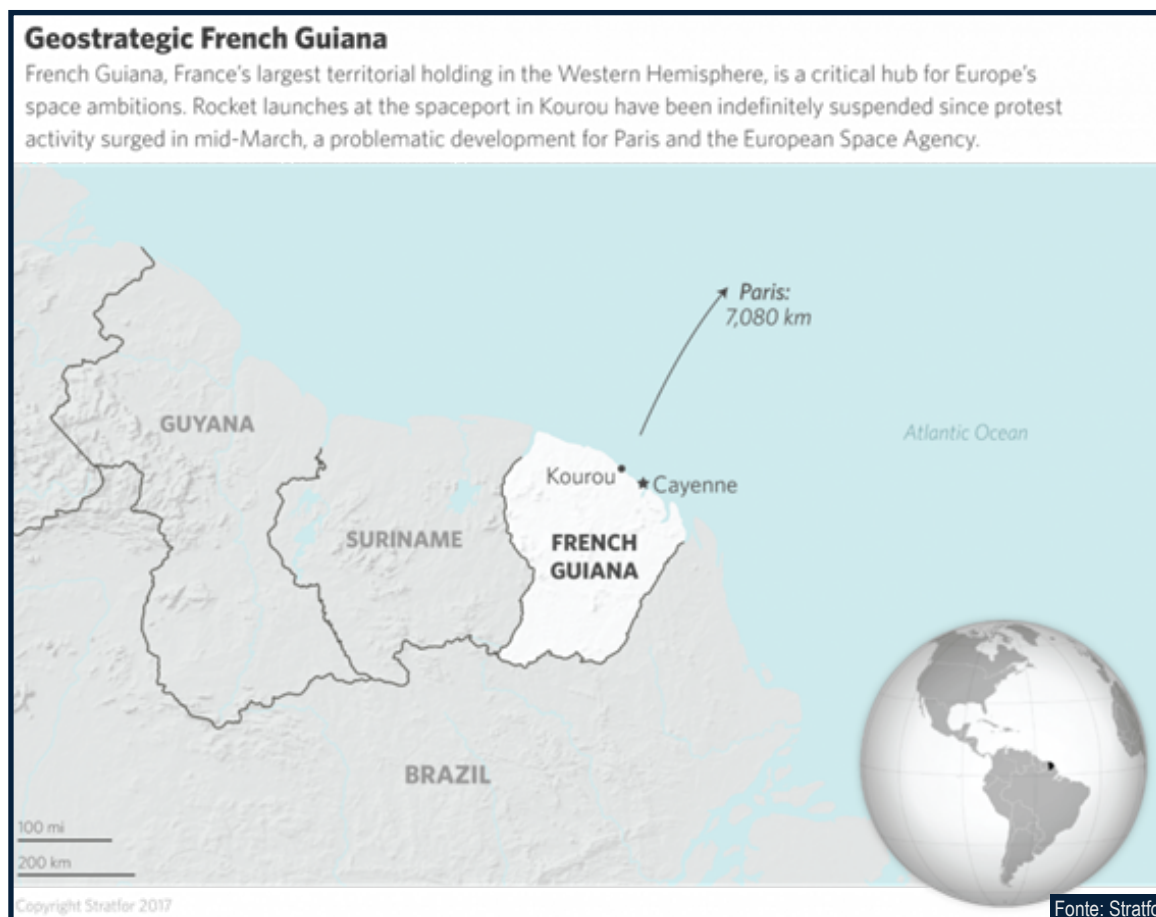
João Felipe Ferraz

Em um pronunciamento no dia 13 de julho de 2019, dia anterior à data comemorativa da queda da Bastilha, o presidente francês, Emmanuel Macron, anunciou a criação de um comando espacial francês, na Força Aérea, com o intuito de fortalecer a segurança dos satélites franceses. Tal política vem sendo feita com base no compartilhamento de estratégias e avanços tecnológicos militares com os Estados Unidos da América (EUA). Diante disso, o fato de a base de lançamento de foguetes da Agência Espacial Europeia localizar-se no Centro Espacial de Kourou, na Guiana Francesa, oferece ao país europeu uma vantagem importante, condizente com o posicionamento próximo à linha do Equador. Por essa razão, esse centro espacial sedia lançamentos de foguetes por parte de diversos países que propõem seu próprio sistema de comunicações, grande parte deles operacionalizados pela empresa francesa *Arianespace*.

O departamento ultramarino francês detém relevância geoestratégica para projeção de poder por situar-se entre o Mar do Caribe e o Oceano Atlântico, e, praticamente, no meio do continente americano. Essa localização marítima é utilizada também para a realização de pesquisas científicas, como o exercício teste do *Intuitive Pointing Device*, da empresa francesa *SOFRESUD*.

O dispositivo, desenvolvido para ampliar o campo de visão das fragatas da classe *La Fayette* para a detecção de ameaças no mar, foi instalado nos navios-patrolha da *Patrouilleur Antilles Guyane* (PAG) da Marinha francesa, cujas funções são a manutenção da soberania do país em suas águas jurisdicionais, proteção do Centro Espacial de Kourou durante os lançamentos de foguetes e combate ao narcotráfico na região.

Apesar da importância estratégica para o Estado francês, a Guiana Francesa é rotulada como o departamento francês mais violento, remanescente de mazelas do passado colonial, configuradas em diversas formas de atividades ilegais como mineração ilícita, desmatamento, migração ilegal e tráfico de drogas, além de possuir problemas internos como uma administração pública historicamente corrupta e altas taxas de desemprego. Após vivenciar importantes manifestações populares em 2017, o território recebeu auxílio financeiro do governo francês com a finalidade de solucionar essas questões sociais. Para a França, a estabilidade política do departamento é importante para dar continuidade ao debate diplomático do grande projeto espacial que, por sua vez, já se mostra intenso no âmbito internacional.



No início de outubro de 2019, o mandatário equatoriano, Lenín Moreno, anunciou a implementação de medidas de austeridade fiscal, visando a estabilidade econômica e ao atendimento de determinações do Fundo Monetário Internacional (FMI), que liberou um empréstimo de US\$ 4,2 bilhões no início do ano. Tal anúncio gerou uma turbulenta onda de protestos no país, que combinados com reações do governo, resultaram em um quadro de instabilidade no Equador.

As manifestações, lideradas principalmente por grupos indígenas, têm como principal motivação a decisão pelo fim do subsídio governamental aos preços dos combustíveis. As lideranças indígenas afirmaram que essa medida levará a um quadro econômico crítico, uma vez que o escoamento da produção agrícola, realizada em sua maioria por esses grupos, ficaria comprometido com o aumento dos preços.

Após uma escalada de violência nos protestos, a cidade de Quito ficou praticamente isolada do resto do país, o que contribuiu para a decisão do governo de mudar por alguns dias a capital para Guayaquil. No entanto, após Moreno decretar Estado de exceção no Equador, houve um recuo por parte do governo, com o oferecimento de um acordo para garantir o fim dos protestos, em troca do

cancelamento do pacote de medidas de austeridade.

Um ponto crucial para compreender o histórico dessa crise é a transição entre os governos de Rafael Correa (2007-2017) e Lenín Moreno ([Boletim 49](#)). Moreno assumiu um país polarizado, com considerável rejeição ao governo anterior, devido às denúncias de corrupção e ao déficit crescente da dívida externa (26% do PIB em 2017), além da restrição orçamentária de uma economia altamente dependente das exportações de petróleo.

Após alguns meses de governo, o atual presidente passou a realizar diversas mudanças e a antagonizar seu antecessor, gerando uma fissura política no país ([Boletim 67](#)). Um importante fator dessas mudanças é o distanciamento da China, como tentativa de diminuir a dependência com este país e de realinhar-se com os EUA, como forma de garantir o acordo com o FMI.

Nesse sentido, em uma conjuntura de fragilidade democrática, é natural o questionamento da capacidade de Moreno em garantir os termos do acordo com o FMI e a coesão social em seu país. Ademais, projeta-se quais serão as consequências desse panorama de incertezas para a população equatoriana e entorno regional, incluindo o Brasil, assim como os impactos para as relações do Equador com os grandes protagonistas do cenário internacional, EUA e China.

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Novas tecnologias anti-VANT empregadas pelos Estados Unidos

Victor Gaspar Filho

O governo norte-americano, por meio da *U.S. Customs and Border Protection*, adquiriu um sistema de defesa antiaérea contra veículos aéreos não-tripulados (VANT). O contrato de US\$ 1,2 milhão firmado com a empresa *Citadel* abrange o fornecimento de 6 sistemas *Titan Counter Drone*. A iniciativa tem como propósito a interceptação de drones que adentrem território estadunidense através da fronteira com o México. A tecnologia adquirida é capaz de emitir um sinal numa zona com raio de 3km para monitoramento, identificação e proteção contra VANT, podendo assumir seu controle e pousá-los em até 3 minutos.

Medidas eficazes de defesa anti-drones são empreendidas no campo da guerra eletrônica, com a emissão de sinais capazes de neutralizar o poder ofensivo desses meios e têm sido investimento de alta prioridade do governo estadunidense. São de particular importância para minimização dos danos provocados por destroços no caso de abatimento desses veículos, especialmente em centros urbanos.

Um outro sistema empregado por forças estadunidenses é o *Marine Air Defense Integrated System*, do Corpo de Fuzileiros Navais. Trata-se de um sistema terrestre móvel dotado de radares e sensores

eletro-ópticos que possui diversas variedades móveis e estáticas. As medidas de segurança contra VANT estão sendo buscadas com atraso pelo grau de danos já ocasionados por esses meios. Notadamente, o fechamento do aeroporto de Gatwick, no Reino Unido, em 2018, por conta da presença de um drone particular; o uso de VANT numa tentativa de atentado contra o presidente venezuelano; o emprego desses meios pelo grupo terrorista Boko Haram, na Nigéria; e na guerra civil do Iêmen.

A relevância do investimento se dá num momento de progressiva redução do montante necessário para a aquisição de VANT e pela facilidade do controle desses meios por grupos não estatais e insurgentes, como cartéis de drogas, grupos terroristas ou particulares. A regulação do espaço aéreo não se mostra eficaz para a negação do uso do VANT, em especial após os ataques ocorridos nas instalações sauditas de refino de petróleo em setembro passado ([Boletim 103](#)). VANT de pequeno e médio portes são notoriamente preocupantes em virtude de seus preços reduzidos, bem como pela dificuldade de detectá-los, muito em função da baixa altitude de seus voos e do tamanho e continuam a ser uma séria ameaça.

Com objetivo de enfraquecer o apoio ao governo venezuelano de Nicolás Maduro e abalar as relações entre o país sul-americano e Cuba, a administração estadunidense de Donald Trump aplicou, no dia 24 de setembro de 2019, novas sanções à ilha caribenha. O foco foi em empresas da área petrolífera, que terão seus ativos nos Estados Unidos congelados, assim como não poderão realizar negócios ou movimentos financeiros. Essas sanções ao setor petrolífero estão direcionadas a quatro empresas que enviam petróleo venezuelano para Cuba e foram aplicadas um dia após a assinatura de um dispositivo que “aumentaria a fiscalização contra indivíduos e instituições suspeitas de vínculo com o regime de Maduro” por parte dos países signatários do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR) — o Brasil é um desses países signatários..

Assim, cubanos repatriados e empresas que trabalham na ilha caribenha vêm sofrendo com o fechamento de contas bancárias, o fim de formas de pagamento e restrições sobre transferências, devido ao *overcompliance* por parte dos bancos que precisam adequar-se aos interesses estadunidenses. Consequentemente, com o

reforço das sanções, os bancos passam a romper qualquer vínculo que possuíam com Cuba, em consequência dessa preocupação que se espalha pelo setor financeiro internacional, em relação às altas multas, caso viole-se o embargo estadunidense.

Desde o ano passado, o bloqueio econômico e financeiro dos Estados Unidos custou a Cuba em torno de US\$ 5 bilhões, sendo uma política de efeitos extremamente graves e um dos principais obstáculos para o desenvolvimento econômico e social do país, que possui dependência em relação ao investimento estrangeiro. Além disso, os locais consideram a medida como uma violação aos direitos humanos que devido sua natureza extraterritorial, prejudicou as relações financeiras e de crédito internacionais aos cubanos. Para diminuir esses efeitos e tentar acabar com as sanções, Havana lançou um projeto a ser votado nas Nações Unidas em novembro, que diz respeito à “necessidade de acabar com o bloqueio econômico, comercial e financeiro imposto pelos EUA contra Cuba”. Com um novo sistema partilhado de poder, a expectativa cubana é otimista e acredita que receberá apoio da comunidade internacional.

ÁFRICA SUBSAARIANA

Afrofobia e o entrave das relações exteriores sul africanas

Vivian Mattos

Em agosto de 2019, o ministro de Assuntos Internos da África do Sul, Aaron Motsoaledi, implementou uma rígida política de apreensão e deportação de migrantes ilegais no país. No decorrer do processo, alguns estrangeiros legais foram detidos pela polícia sul-africana. Entretanto, um dos principais pontos de atenção é que das detenções ocasionadas pela política, a maioria foi de cidadãos de outros países africanos como Nigéria, Moçambique e Zimbábue. Desta forma, a medida instaurada ramificou-se em diversos problemas domésticos e principalmente diplomáticos com países importantes na balança de poder da África Subsaariana.

As deliberações tomadas pelo governo de Cyril Ramaphosa trouxeram uma resposta ativa da população. No início de setembro, o país vivenciou uma nova onda de violência com ataques a pequenos comerciantes oriundos de outros países africanos, sendo em sua maioria nigerianos. Além da reação da população local, os ataques também estão ligados a problemas econômicos e sociais que o país enfrenta atualmente, como a elevada taxa de desemprego de 29%, que vem impactando 6,7 milhões de pessoas, sendo desses 92% jovens de até 34 anos. Por conseguinte, existe um discurso no país de que os estrangeiros têm tomado os empregos da população

local, gerando hostilidade entre imigrantes e jovens desempregados.

A má gestão dos assuntos migratórios incorporada aos ataques xenofóbicos da população sul-africana, causaram retaliações internacionais como: o fechamento temporário da embaixada nigeriana na África do Sul, ataques a empresas sul-africanas em território nigeriano e o boicote dos governos da Nigéria, Ruanda, Malawi e República Democrática do Congo ao Fórum Econômico Mundial em Cidade do Cabo. Esse cenário trouxe um forte impasse para a segunda maior economia do continente, atrás apenas da Nigéria.

Apesar de todo desgaste nas relações continentais da África do Sul, Ramaphosa tem se mostrado um hábil conciliador, revertendo a situação a seu favor. O presidente convidou países estratégicos da África para visitas ao seu país, firmando acordos bilaterais nas mais diversas áreas. Ademais, com a finalidade de reverter totalmente os problemas ocasionados pelo passado segregacionista e os ataques xenofóbicos, espera-se da África do Sul uma postura mais ativa em fóruns africanos em pautas como o Tratado de Livre Comércio Continental e a Agenda 2063 da União Africana.

Reino Unido anuncia aumento de gastos em tempos de incerteza

Matheus Mendes

Em 04 de setembro de 2019, o governo britânico publicou o seu orçamento de 2020-21. Apesar de não ter chamado atenção à época, em função das notícias relacionadas ao Brexit, o documento revela os interesses da administração de Boris Johnson em aumentar as despesas já a partir do próximo ano. Segundo o texto, nenhum departamento sofrerá cortes, algo que não acontece desde o *Spending Review* de 2002. Dessa forma, a pasta de Defesa também será beneficiada por esta política, prevendo um aumento de 2,6% em relação ao ano fiscal 2019-20. Entretanto, em meio às incertezas do Brexit, é possível projetar um cenário tão otimista quanto à época do governo Blair?

No que diz respeito aos gastos em Defesa, o documento reforça a intenção de manter os investimentos acima de 2%, o mínimo exigido pela OTAN, mas que não é cumprido pela maioria de seus Estados-membros. Ademais, planeja um aumento de £ 1,2 bilhões para modernização das Forças Armadas e proteção contra ameaças, nela incluídas medidas de cibersegurança, construção naval; e o programa de renovação do Sistema *Trident* (*Dreadnought*). Para Malcolm Chalmers,

especialista do *Royal United Services Institute* (RUSI), esta é a maior alocação de recursos que o Ministério da Defesa já recebeu em muitos anos, comparando estas projeções ao que foi executado entre os anos fiscais de 1998-99 e 2008-09, cerca de 9% de aumento em gastos reais, desde a última administração trabalhista (Blair-Brown).

No entanto, é temerário afirmar que estas projeções sejam aquelas que irão constar no documento final. Isto porque a indecisão acerca do futuro do país, sobretudo no que diz respeito à sua relação com a União Europeia, ainda é um fator preponderante de análise que desmotiva planejamentos a médio e longo prazos. A aproximação entre Johnson e Donald Trump é importante para as perspectivas político-econômicas britânicas, mas mesmo este fator é inseguro dada a situação de investigação do presidente dos Estados Unidos em um processo de *impeachment*. O trunfo de Johnson ainda é fechar um acordo com a União Europeia, mesmo que seja contra sua plataforma política. Caso o Reino Unido saia sem acordo, será muito difícil projetar um aumento real para os gastos públicos.

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Inimigos regionais: tensões entre Irã e Arábia Saudita

Shakila Ahmad

No dia 11 de outubro de 2019, o petroleiro iraniano *Sabiti*, da *National Iranian Tanker Company*, foi atingido por dois foguetes no Mar Vermelho na costa da Arábia Saudita, a cerca de 100 km da importante cidade portuária de Jeddah. Esse movimento gerou uma nova escalada de tensões e outro período de ameaças marítimas à medida que o impasse geopolítico iraniano e saudita continua na região.

À luz deste cenário, é importante ressaltar que diversos ataques contra infraestruturas de petróleo ocorreram no Golfo Pérsico nos últimos meses, em meio a conflitos crescentes no Oriente Médio ([Boletim 94](#)). O último ataque importante a se considerar ocorreu no dia 14 de setembro de 2019 nas instalações petrolíferas da Arábia Saudita, sem até o momento uma confirmação sobre quem realmente foi o responsável pelo ataque. A consequência imediata foi a retirada de cerca de 50% do petróleo saudita do mercado internacional, aos poucos voltando ao normal. Diante deste cenário, no mesmo dia em que o petroleiro iraniano *Sabiti* foi atacado, os Estados Unidos da América anunciaram o envio de mais três mil soldados e equipamentos militares norte-americanos

para a Arábia Saudita, aumentando as defesas do país.

Desde maio de 2019, os EUA aumentaram o número de tropas em cerca de 14.000 na área do Comando Central que cobre o Oriente Médio. Sob essa conjuntura, o secretário de Defesa dos EUA, Mark Esper, autorizou o envio de mais duas baterias de mísseis *Patriot*, um sistema de interceptação de mísseis balísticos *THAAD*, dois esquadrões de caças e uma ala expedicionária ao Oriente Médio.

No contexto deste ambiente conflituoso, os países da região podem transformar a geografia marítima em vantagem, travando uma guerra assimétrica nesse ambiente. Ao analisar o cenário, nota-se que os ataques tiveram a intenção de enviar uma mensagem para demonstrar a capacidade dos países da Península Arábica em impactar os mercados globais de petróleo. Este último incidente provavelmente fará parte da narrativa mais ampla de deterioração das relações entre a Arábia Saudita, EUA e Irã. Esta atmosfera provavelmente continuará a ser de grande incerteza, na qual a retórica sobre o aumento do conflito pode estimular novos ataques.

A coalizão marítima internacional na principal rota Ásia-Europa

Ana Luiza Colares

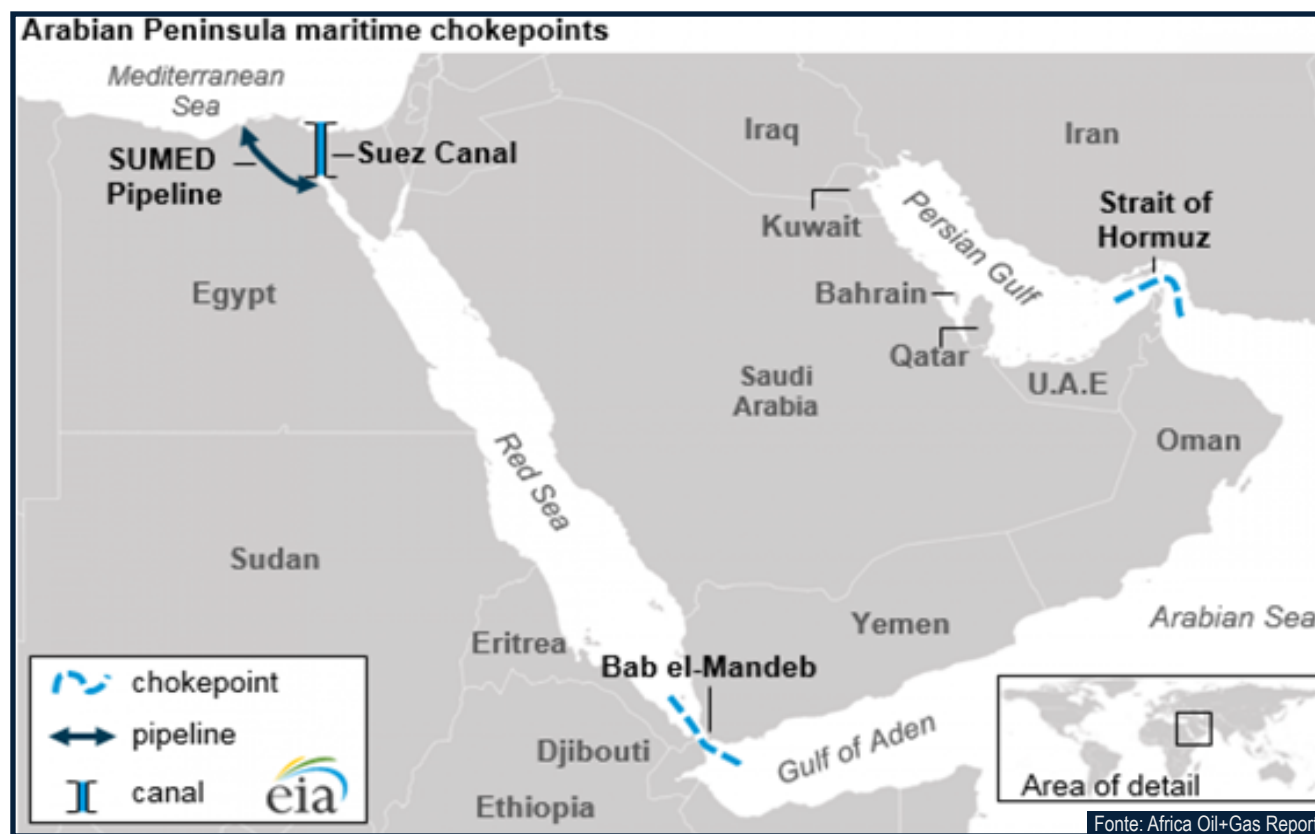
Desde junho de 2019, observou-se a movimentação da sociedade internacional diante dos ataques ocorridos no Golfo Pérsico e as problemáticas relações entre Irã, Estados Unidos e Arábia Saudita. As conflituosas questões envolvem uma das principais rotas comerciais marítimas que ligam a Europa à Ásia, passando pelo Golfo Pérsico, Mar Vermelho e Mar Mediterrâneo. Por esta rota, utilizando o Estreito de Ormuz, são escoados aproximadamente 20 milhões de barris de petróleo por dia, advindos principalmente de países da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), como Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Kuwait e Catar, demonstrando, desta forma, a importância e sensibilidade da região.

Utilizando da narrativa de garantir a segurança regional e assegurar o livre fluxo de comércio, os EUA iniciaram, em julho deste ano, uma coalizão marítima intitulada *International Maritime Security Construct* (IMSC), conhecida como *Sentinel Program*, com atuação operacional no Estreito de Ormuz, no Golfo de Omã, no Mar Árabe e no Estreito de Bab-el-Mandeb. Como participantes, além dos EUA, cita-se Reino Unido, Austrália, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Bahrein, país utilizado como anfitrião das tropas

estrangeiras e da Quinta Esquadra da Marinha dos EUA, estrategicamente localizada nas águas do Golfo Pérsico. Além destes, Israel proverá assistência de inteligência, porém não enviará, por ora, equipamentos ou tropas militares.

O Reino Unido materializa sua presença com a fragata *HMS Montrose* e o contratorpedeiro *HMS Duncan*, os quais acompanham os navios de bandeira britânica. Já a Austrália utilizará a aeronave de vigilância marítima *P8-A Poseidon* até o fim do corrente ano. A Marinha dos EUA enviou contratorpedeiros da classe *Arleigh Burke*, de forma a monitorar o espaço marítimo da região. Os demais países ainda não informaram seus métodos de auxílio militar, devido à tardia entrada na coalizão, mas demonstram total apoio às Forças atuantes, por meio de recentes declarações governamentais.

A presença dos EUA na região pela IMSC traduz o interesse em buscar mais visibilidade internacional para suas ações na região. No entanto, nem todos os países da OTAN se mostraram abertos em participar da coalizão, utilizando como principal argumento a preocupação em manter boas relações com o Irã, como no caso das recusas do Japão, importante aliado estadunidense, Alemanha e França.



Putin e o sistema de alerta antecipado antimísseis chinês

Pérsio Glória de Paula

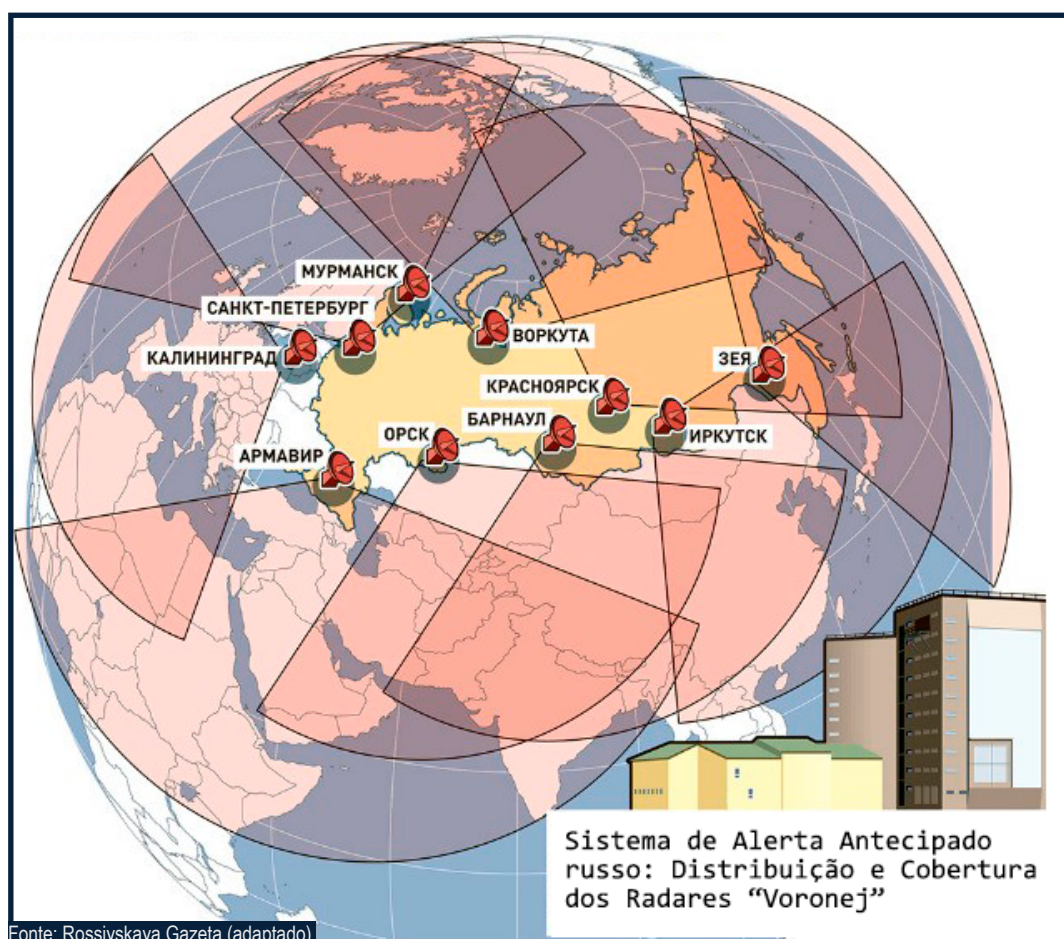
No dia 03 de outubro de 2019, o presidente russo Vladimir Putin esteve em Sochi para uma conferência sobre a cooperação na Eurásia. Ao abordar as iniciativas técnico-militares em âmbito eurásiano, Putin afirmou que a Rússia está auxiliando a China no desenvolvimento de um sistema de alerta antecipado contra mísseis balísticos. Apesar de não haver mais informações sobre esse projeto, a possível participação russa no desenvolvimento desse tipo de sistema evidencia o aprofundamento das relações sino-russas, já que se trata de uma área estratégica sensível.

Esses sistemas permitem detectar o lançamento e a posição de mísseis balísticos e coordenar uma resposta defensiva ou retaliatória mais rapidamente, sendo um elemento central para a dissuasão nuclear. Ademais, também servem para coleta de informações e inteligência, uma vez que são capazes de monitorar a maior parte dos objetos aéreos e espaciais dentro de seu alcance. Atualmente, somente a Rússia e os Estados Unidos possuem sistemas de alerta antecipado “completos”, que envolvem radares terrestres, satélites e aviões de monitoramento.

Apesar de possuir radares terrestres, a China

ainda não desenvolveu uma solução integrada com complexos aéreos e espaciais, como aviões e satélites de monitoramento. Essa possível parceria ressalta a dimensão militar na inserção internacional russa, setor em que o país desponta como polo tecnológico, mesmo sem possuir a mesma pujança econômica chinesa. Além disso, essa aproximação pode ser uma resposta à saída dos EUA do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário, já que esse sistema poderia balancear um futuro posicionamento de mísseis estadunidenses no Leste Asiático.

A própria Rússia está em processo de modernização de seu sistema de alerta antecipado. O país já conta com dez estações dos novos radares terrestres *Voronej-DM* – capazes de detectar objetos do tamanho de uma bola de futebol a oito mil quilômetros de distância – e anunciou, no início de 2019, o projeto para a construção de uma nova estação na Crimeia. Igualmente, a Rússia desenvolveu um novo sistema espacial de monitoramento, cujo terceiro satélite foi lançado em setembro de 2019, e um novo avião de alerta e controle, o *Beriev A-100*, que entrará em serviço em 2020.



Fonte: Rossiyskaya Gazeta (adaptado)

A importância do Alte. Gorshkov para a Marinha russa

José Gabriel Melo

Em dezembro de 2019, está prevista a incorporação da fragata *Alte. Kasatonov* à Marinha russa. O anúncio foi feito no final de agosto pelo estaleiro responsável pelo projeto, a subsidiária da *United Shipbuilding Corporation, Severnaya Verf*. A fragata, que já está em fase avançada de testes no mar, será a segunda de seis embarcações da classe *Gorshkov* (Projeto 22350), previstas até 2025. A embarcação sucede a fragata *Alte. Gorshkov*, comissionada em 2018, e representa o que há de mais moderno na Armada russa, com 135 metros de comprimento, deslocamento de 4500 toneladas, autonomia de até 15 dias no mar, capacidade para comportar um helicóptero antissubmarino *Ka-27*, além dos modernos mísseis de cruzeiro mar-terra *Kalibr*.

Aprovado em 2006, o projeto foi nomeado em homenagem a Sergey Gorshkov, Comandante da Marinha soviética entre os anos de 1956 e 1985. Gorshkov se especializou em operações anfíbias, destacando-se em combates ribeirinhos e no Mar Negro durante a Segunda Guerra, chamando a atenção do comissário do Partido Comunista, que viria a se tornar o Secretário Geral, Nikita Krushev. A grande contribuição do Alte. Gorshkov foi o desenvolvimento de uma doutrina marítima que

desafiava o paradigma vigente de que a URSS, enquanto potência terrestre, deveria concentrar seus esforços no desenvolvimento de seu Exército. Para tal, apoiou-se na história, utilizando os argumentos de Pedro, o Grande, que acreditava que, para se tornar uma grande potência, uma nação precisaria de suas “duas mãos” fortes, Exército e Marinha. Além disso, aproveitou-se do contexto da Guerra Fria para demonstrar as limitações geográficas e materiais da Marinha soviética, e as ameaças representadas pelas Marinhas ocidentais, principalmente por sua rival estadunidense. Por fim, com o auxílio de seu poder marítimo, suas estratégias culminaram no desenvolvimento de uma Marinha capaz de defender os interesses soviéticos globalmente.

A *Alte. Kasatonov* chega para incrementar o poder naval russo em um momento delicado para o país, que enfrenta sanções econômicas fruto de suas posturas mais ativas no cenário internacional, aumentando o desafio de equilibrar os gastos de defesa no orçamento do Estado. Nesse contexto, assim como os demais navios da classe, a fragata representa uma síntese das premissas de Gorshkov, provando que suas ideias ainda são valorizadas pela Marinha russa.

LESTE ASIÁTICO

Queda de míssil norte coreano na Zona Econômica Exclusiva japonesa

João Pedro Grilo

Na manhã do dia 2 de outubro de 2019, a Coreia do Norte fez o lançamento de dois *submarine-launched ballistic missiles*, possivelmente originados de um submarino presente em águas próximas à cidade-porto de Wosan, situada na costa leste da península coreana. Apesar de o primeiro míssil ter caído em águas norte-coreanas, o segundo viajou 450 km até cair dentro da zona econômica exclusiva japonesa próximo à prefeitura de Shimane, acontecimento que não ocorria desde 2017.

As autoridades norte-coreanas afirmaram que o modelo utilizado foi o novo míssil de média distância chamado *Pukkuksong-3*, uma atualização de sua primeira versão desenvolvida e testada em 2016, cujo alcance máximo é de aproximadamente 1900 km, englobando a Coreia do Sul e as 4 principais ilhas do arquipélago japonês em seu raio de ação. Além da distância e da maior dificuldade em ser detectado, especula-se quanto à possibilidade de carregamento de ogivas nucleares em seu interior, evidenciando o avanço tecnológico norte-coreano. Após os lançamentos, houve um pronunciamento do primeiro ministro japonês, Shinzo Abe, que os condenou e enfatizou o seu desrespeito às resoluções do Conselho de Segurança, além da

ocorrência de uma solicitação, por parte da Coreia do Sul, de um compartilhamento de informações com o governo japonês com base no ainda vigente *General Security of Military Information Agreement* (GSOMIA). Esse ocorrido motivou, no dia 9 de outubro, a realização de uma demonstração dos interceptores de mísseis *Patriot Advanced Capability-3* (PAC-3) da Força de Autodefesa área japonesa, em um parque de Tóquio com a presença de sua governadora e do atual ministro de defesa Kono Taro.

O momento escolhido para o lançamento dos projéteis, algumas horas após a decisão de Pyongyang em retomar os diálogos de desnuclearização com Washington, evidenciou o interesse dos norte-coreanos em adquirir mais poder de barganha nas futuras rodadas de negociação. Além disso, o atual contexto regional marcado por um descompasso entre os principais aliados norte-americanos na região e pelo grande interesse de Donald Trump em concluir a negociação, tornando-o mais suscetível a realizar concessões, mostra-se favorável à Coreia do Norte, ao fornecê-la mais tempo para o desenvolvimento de seu arsenal bélico, favorecendo a manutenção de sua estratégia de inserção internacional.

Índia e Austrália: parceria estratégica para o Indo-Pacífico

Rebeca Leite

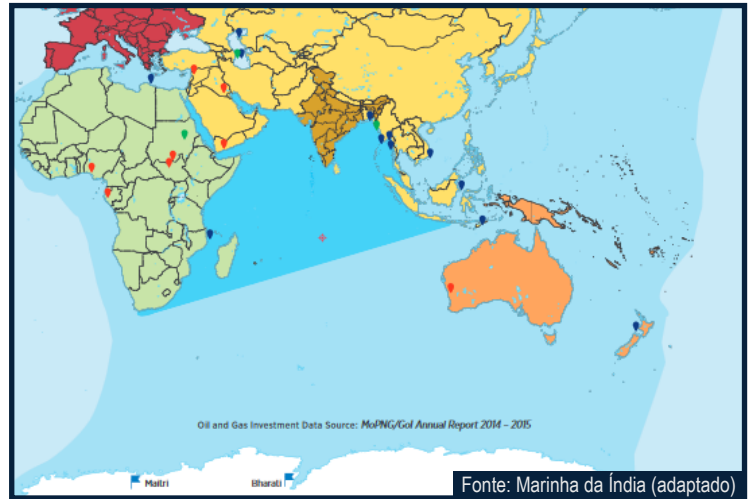
No dia 05 de setembro deste ano, o Chefe do Estado Maior da Marinha indiana visitou a Austrália com o intuito de fortalecer as diversas iniciativas de parceria estratégica, sobretudo no ambiente marítimo. Ademais, está programada uma visita do ministro da Defesa indiano à Camberra, em novembro.

A relação entre Índia e Austrália converge ao passo que ambos os países compartilham posicionamentos semelhantes acerca da estabilidade, da segurança e da livre navegação dos oceanos. É possível analisar o interesse da Índia em elevar o nível desta relação a uma parceria estratégica mais estreita, se considerarmos a dinâmica geopolítica vigente na região do Indo-Pacífico. Sabe-se que o projeto chinês *One Belt One Road*, sobretudo sua dimensão marítima, cerca geopoliticamente a Índia em seu espaço natural de influência, o Oceano Índico. Por isso, a Índia tem buscado desafiar a China em pontos mais sensíveis, e isto é demonstrado ao estabelecer parcerias com países geograficamente inseridos no Indo-Pacífico e na rota do Sul da China.

A assinatura do acordo de cooperação marítima com a Austrália, prevista para novembro, nomeado *Mutual Logistics Support Agreement* poderá melhorar a capacidade da Marinha da Índia de operar em águas distantes. Trata-se de uma resposta para garantir a liberdade de navegação em uma região essencial para o escoamento de suas exportações e importações, haja vista o crescente comércio com os países da região, consistindo em suprimentos fundamentais como energia

e alimentos, uma vez que o expansionismo chinês eleva a percepção de ameaça para Nova Délhi. Cabe mencionar que a Estratégia Marítima indiana de 2015 já compreende o Oceano Pacífico como área de interesse secundário.

Em que pese tanto a Índia como a Austrália terem boas relações com os Estados Unidos, outro ator significativo na geopolítica do Indo-Pacífico, percebe-se como Nova Délhi procura uma política externa mais autônoma, tendo em vista a geografia mais próxima das ameaças. Dado isso, nota-se que estreitar laços com países do Indo-Pacífico é relevante para a estratégia de contenção à China, salvaguardando os interesses da Índia em garantir a segurança das linhas de comunicações marítimas, bem como a sua projeção de poder para além do Oceano Índico.



ÁRTICO & ANTÁRTICA

O engajamento estadunidense em uma maior presença no Ártico

Raphaella Costa

O Ártico é uma região historicamente importante em termos geoestratégicos. Recentemente, países como Rússia e China têm buscado desenvolver tecnologias a fim de aumentar sua presença no extremo norte do planeta. Ainda que os Estados Unidos representem um poder político, econômico e militar relevante no cenário internacional, nessa competição por influência, especialistas reconhecem a insuficiência de seu poderio no Ártico. Sendo assim, defendem a necessidade de um investimento militar mais intenso, a fim de que suas presença e experiência sejam cada vez mais significativas.

Com base em divulgações durante o mês de março de 2019 sobre as intenções da Rússia de restringir o tráfego na Rota Marítima Norte, os EUA se lançaram em um exercício militar naval na região durante os meses de verão deste ano no Hemisfério Norte, de forma a exercer

uma influência mais ativa e de pôr em prática o projeto de contenção do poderio russo no Ártico. Haja vista a defesa estadunidense de Operações de Liberdade de Navegação na região, a Marinha do país se engajou recentemente no envio de um cruzador e três contratorpedeiros para as águas do Atlântico Norte, dos quais dois navegaram ao norte do Círculo Polar Ártico, além da fixação de uma presença temporária perto da Islândia, parte da expedição à região.

O Contra-Almirante da reserva da Marinha dos Estados Unidos, David Titley, em depoimento ao *High North News*, ressaltou a crescente importância estratégica do Ártico enquanto uma via de navegação mundial, sobretudo devido ao desenvolvimento de tecnologias que possibilitem o exercício da presença de forças militares dos diferentes países. >>

Apesar da forte experiência na operação de submarinos e projetos bianuais intitulados de "Exercício no Gelo" (ICEX, em inglês), sendo a última edição realizada em 2018, para que os militares avaliem suas atividades na região, a força. O poderio estadunidense é insuficiente em relação às embarcações de superfície. Isto se deve,

potencialmente, ao que foi estabelecido no documento redigido pela Marinha de estratégias para o Ártico de 2019, que definiu o extremo norte do planeta como uma região de "baixo risco de conflito". No entanto, o investimento crescente dos EUA proporciona tensões geopolíticas no entorno estratégico do Ártico.

China negocia utilizar porto chileno para chegar à Antártica

Gabriele Hernandez

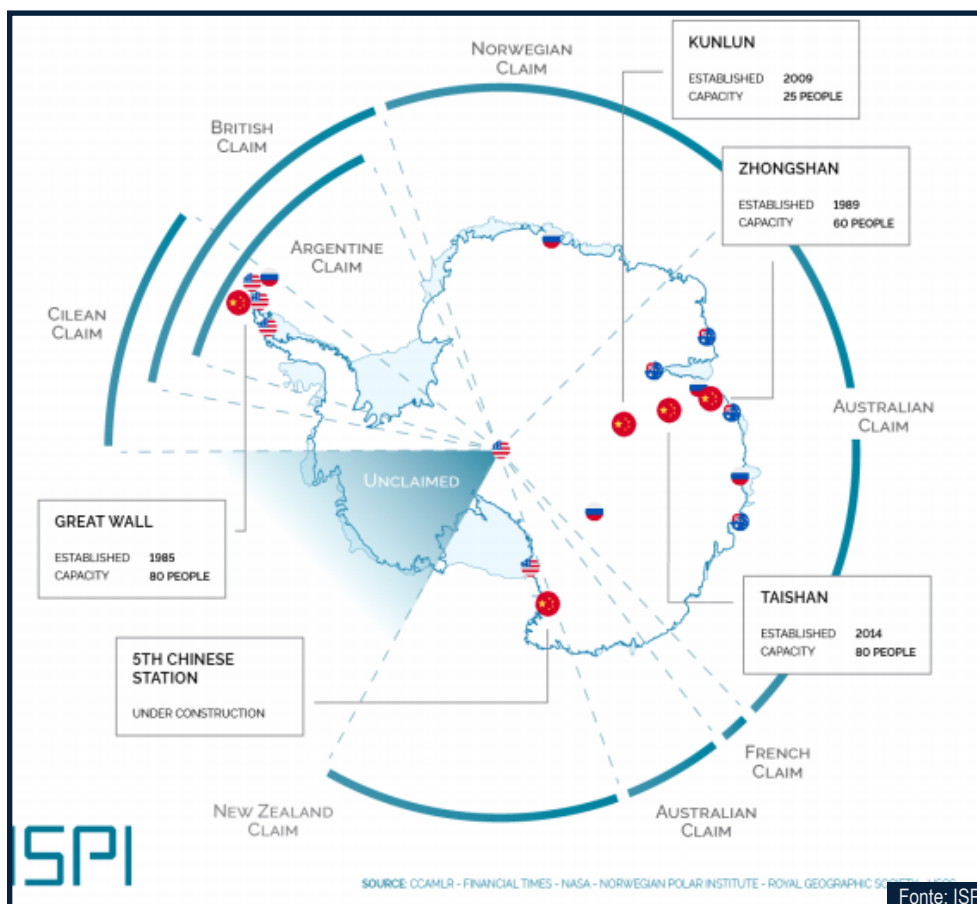
Em 19 de setembro de 2019, ocorreu o primeiro Comitê de Cooperação Antártica Conjunta Chile-China, na cidade de Santiago, ocasião na qual a China solicitou ao país sul-americano autorização para utilizar o porto de Punta Arenas, como apoio logístico para transportar pessoas e materiais para a Antártica. A proximidade de Punta Arenas com a península antártica é uma grande vantagem estratégica chilena, dispondo tanto de porto quanto de aeroporto com conexões diretas com o sexto continente.

As estações chinesas na Antártica se localizam em territórios reclamados por Argentina, Chile, Reino Unido e, principalmente, Austrália. Neste último, a China também mantém um comitê de cooperação antártica e utiliza o porto de Hobart para chegar ao Polo Sul. A região recebeu consideráveis investimentos chineses nos últimos anos, fator que o Chile pode levar em consideração ao tomar a decisão.

Desde 2013, a China tenta estabelecer uma Área Antártica Especialmente Administrada na região de Domo Argus (Domo A), o ponto mais alto da Antártica e próximo à sua estação de pesquisa *Kunlun*. Por ser o ponto

mais frio do planeta, próximo ao Polo Sul magnético, a região central da Antártica, cujo acesso é um dos mais difíceis, se manter nas proximidades do Domo A representa um dos apogeus da ocupação antártica, tanto em termos de recursos materiais e financeiros, quanto de motivação política.

Utilizar Punta Arenas como ponto de partida para a Antártica significa diversificar parcerias estratégicas, partindo de um porto cujo país é politicamente estável, possui acesso a dois oceanos, tem forte participação no Sistema do Tratado Antártico e diminui a dependência chinesa da Austrália. Também aumenta o acesso chinês por meio do Oceano Pacífico Sul, alternativa à rota pelo Oceano Índico em Hobart. Para o Chile, significa ter um parceiro com uma das mais fortes presenças no continente sem reclamar nenhum território antártico para si, e um possível investidor em suas empreitadas antárticas, incluindo o aumento de turistas chineses que embarcam para o continente gelado (no verão de 2018-2019, os chineses já ficaram em segundo lugar no número de turistas antárticos, atrás apenas dos norte-americanos).



- ▶ [Russia Is a Strategist, Not a Spoiler](#)
PROJECT SYNDICATE, Ana Palacio
- ▶ [How China Became Russia's Most Important Partner](#)
CARNEGIE, Alexander Gabuev
- ▶ [Climate Change and Global Security: Planning for Potential Conflict](#)
CLIMATE INSTITUTE, Charlotte Collins
- ▶ [Assessing Trump's Indo-Pacific Strategy, 2 Years In](#)
THE DIPLOMAT, Elliot Silverberg e Matthew Sullivan
- ▶ [Command of Space, Command of the Sea](#)
GEOPOLITICAL FUTURES, George Friedman
- ▶ [About-face: US Army says its buying new watercraft after all](#)
DEFENSE NEWS, David B. Larter
- ▶ [Future Arctic Navigation and Northwestern Atlantic Ports](#)
MARITIME EXECUTIVE, Harry Valentine
- ▶ [Concerns over rising crimes in Gulf of Guinea](#)
THE NATION

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

OUTUBRO

20 Eleições presidenciais na Bolívia

21 Eleições federais no Canadá

24-26 Visita do presidente Jair Bolsonaro à China

27 Eleições presidenciais na Argentina

27 Eleições presidenciais no Uruguai

31 Novo prazo para o BREXIT

NOVEMBRO

05 Anúncio de nova redução dos compromissos do Irã com o Acordo Nuclear

08 Próximo relatório trimestral da AIEA sobre o programa nuclear do Irã.

10 Eleições gerais na Espanha

13-14 XI Cúpula dos BRICS, em Brasília

- **A situação da Guiana Francesa no plano estratégico da França**

[Why France cares about French Guiana](#). Stratfor, 11 abr. 2017. Acesso em: 11 out. 2019.

VAVASSEUR, X. [French Navy to Test SOFRESUD's IPD aboard its PAG Ships](#). Naval News, 25 set. 2019. Acesso em: 11 out. 2019.

- **Crônica de uma crise anunciada**

[Estado de excepción en Ecuador: Lenín Moreno emite la declaración ante las protestas por el alza en los combustibles](#). BBC Mundo, 04 out. 2019. Acesso em: 10 out. 2019.

HERNÁNDEZ, K., MARTINEZ, G. [In Ecuador, Assange's expulsion reflects desire for better relations with the U.S.](#) Washington Post, 11 abr. 2019. Acesso em: 10 out. 2019.

- **Novas tecnologias anti-VANT empregadas pelos Estados Unidos**

BOYD, A. [US to Deploy Anti-Drone Defenses Along US-Mexico Border](#). Defense One, 30 set. 2019. Acesso em: 12 out. 2019.

GOURÉ, D. [Electronic Warfare Is Becoming the Most Lethal Counter Drone Technology](#). Real Clear Defense, 20 set. 2019. Acesso em: 12 out. 2019.

- **Intensificação do bloqueio econômico estadunidense a Cuba**

ELVIRA VARGAS, R. [Cuba: el bloqueo de EU es un "genocidio"](#). La Jornada, 08 out. 2019. Acesso em: 11 out. 2019.

[EUA aplicam novas sanções para afetar relação entre Venezuela e Cuba](#). G1 (France Presse), 24 set. 2019. Acesso em: 30 set. 2019.

- **Afrofobia e o entrave das relações exteriores sul africanas**

HOLMES, C. [What's behind South Africa's xenophobic violence last week?](#) The Washington Post, 09 set. 2019. Acesso em: 09 out. 2019.

KOTZÉ, K. [South African Diplomacy:: Challenges And Opportunities](#). Eurasia Review, 07 out. 2019. Acesso em: 07 out. 2019.

- **Reino Unido anuncia aumento de gastos em tempos de incerteza**

CHALMERS, M. [The End of Defence Austerity? The 2019 Spending Round and the UK Defence Budget](#). RUSI, 30 set. 2019. Acesso em: 12 out. 2019.

[Spending Round 2019](#). Reino Unido. HM Treasury, 04 set. 2019. Acesso em: 12 out. 2019.

- **Inimigos regionais: tensões entre Irã e Arábia Saudita**

[US to deploy 3,000 additional troops to Saudi Arabia](#). Al Jazeera, 11 out. 2019. Acesso em: 11 out. 2019.

[Iran: 2 missiles hit oil tanker off Saudi coast](#). NavyTimes, 11 out. 2019. Acesso em: 11 out. 2019.

- **A coalizão marítima internacional na principal rota Ásia-Europa**

SCOTT, N. [UAE Agrees To Join U.S.-Led Maritime Coalition To Protect Gulf Shipping](#). NPR, 19 set. 2019. Acesso em: 10 out. 2019.

[UK joins international maritime security mission in the Gulf](#). Reino Unido, 05 ago. 2019. Acesso em: 10 out. 2019.

- **Putin e o sistema de alerta antecipado antimísseis chinês**

STEFANOVICH, D. [Can Russia Help China Counter Missile Threats?](#) Russian International Affairs Council, 08 out. 2019. Acesso em: 12 out. 2019.

YANG, L. [Russia is helping China build a missile defence system, Putin says](#). The Guardian, World, 04 out. 2019. Acesso em: 12 out. 2019.

- **A importância do Alce. Gorshkov para a Marinha russa**

GADY, F. [Russia's New Admiral Gorshkov-Class Stealth Frigate Enters Final Shipbuilder's Trials](#). The Diplomat, 14 ago. 2019. Acesso em: 24 set. 2019.

[The Project 22350 Frigate Admiral Kasatonov running final trials](#). Navy Recognition, 27 ago. 2019. Acesso em: 24 set. 2019.

- **Queda de míssil norte coreano na Zona Econômica Exclusiva japonesa**

[North Korea fires ballistic missile built to be launched from submarine into Japan EEZs](#). Japan Times, 02 out. 2019. Acesso em: 07 out. 2019.

GROLL, E. [North Korean Missiles Just Keep Getting Better](#). Foreign Policy, 03 out. 2019. Acesso em: 07 out. 2019.

- **Índia e Austrália: parceria estratégica para o Indo-Pacífico**

PANT, H. V.; OAK, N. C. [Locating the Mutual Logistics Support Agreement in India-Australia Strategic Relations](#). Observer Research Foundation, Issue Brief No. 316, set. 2019.

[Chief of the Naval Staff Visit to Australia](#). Indian Navy. Acesso em: 10 out. 2019.

- **O engajamento estadunidense em uma maior presença no Ártico**

HUMPERT, M. [The U.S. Navy ups its Arctic engagement, sending ships north and establishing a temporary presence in Iceland](#). Arctic Today, 01 out. 2019. Acesso em: 02 out. 2019.

SCHREIBER, M. [How geopolitics complicate the U.S. Navy's plans for major Arctic operations](#). Arctic Today, 24 jul. 2019. Acesso em: 03 out. 2019.

- **China negocia utilizar porto chileno para chegar à Antártica**

LIU, N. [The heights of China's ambition in Antarctica](#). The Interpreter. Lowy Institute. 11 jul. 2019. Acesso em: 12 out. 2019.

ZHOU, L. [How Chinese access to Chilean port could give Antarctic exploration activities a boost](#). South China Morning Post, 19 set. 2019. Acesso em: 12 out. 2019.